

RESENHA – REVIEW – RESEÑA

MANIFESTAÇÕES DE RUA: MEMÓRIA E RESISTÊNCIA

STREET MANIFESTATIONS: MEMORY AND RESISTANCE

MANIFESTACIONES DE LA CALLE: MEMORIA Y RESISTENCIA

RYOKI, André e ORTELLADO, Pablo. **Estamos Vencendo! Resistência Global no Brasil**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004 (Coleção Baderna), 171p. il.

“Não começou em Seattle, não vai terminar em Quebec”.
Slogan das manifestações contra a ALCA, 2001.

Registro das movimentações anticapitalistas, realizadas entre 2000 e 2004, **Estamos Vencendo! Resistência Global no Brasil**, de André Ryoki e Pablo Ortellado, constitui-se, hoje, relevante referência para a reflexão sobre as manifestações recentes que ocorreram no país. Cerca de 10 anos depois, o modo de ocupação das ruas persiste: evocam-se as mesmas especificidades atuais que já se faziam presentes nas ações de 2004.

Através de textos, imagens, cronologia e documentos, **Estamos Vencendo!** explora o contexto histórico dos movimentos anarquista e estudantil como suporte importante às atividades políticas de um “pequeno e difuso” grupo de ativistas que promoveram atos públicos anticapitalistas na cidade de São Paulo. Basicamente, o livro é dividido em duas abordagens (que guardam afinidades e oposições): o texto de Pablo Ortellado, doutor em filosofia e docente da USP, e o ensaio fotográfico do historiador André Ryoki. Merece destaque o tratamento gráfico dado à publicação. Em fontes brancas sobre fundo negro, a sensação de obra-documentário torna-se latente (é quase algo cinematográfico), acirrado ainda mais pelas imagens impactantes das manifestações.



O texto *Sobre a Passagem de um Grupo de Pessoas por um Breve Período da História*, assinado por Ortellado, dá ao leitor o relato pessoal do autor – ativista e profundamente envolvido com os acontecimentos. Nesse testemunho, assinalam-se a inspiração zapatista (1994) para as primeiras ações, a influência dos dias de ação global (1998), a alusão às tentativas iniciais de organização de manifestações contra a OMC (Organização Mundial do Comércio), em 1998, e a emergência dos fatos que levaram à ação contra a OMC, em 1999, em Seattle. Como se sabe, a "batalha de Seattle" tornou-se um marco inicial de um movimento de resistência à globalização corporativa neoliberal, reunindo pessoas com motivações e perspectivas políticas bem distintas. A soma desses eventos faria emergir a coalizão de grupos e indivíduos motivados pela Ação Global dos Povos – segundo Ortellado - os protagonistas da narrativa.

Ao dar continuidade ao relato, Ortellado firma pontos fundamentais para o entendimento das manifestações anticapitalistas. O primeiro deles trata da autonomia – Seattle era o modelo para a mobilização ampla e autônoma desenvolvida, particularmente nos protestos contra o FMI e o Banco Mundial, ocorridos em São Paulo, em 26 de setembro de 2000. O segundo objeto debruça-se sobre a discussão do conceito do que seria “anticapitalista” (no fundo, uma plataforma que abraçaria as diversidades e as vozes que emergem com o fim das metanarrativas e a ascensão das micropolíticas). O terceiro tema aborda a formação de um modo organizacional em rede: a partir de ligações sustentadas por intentos e temporalidades determinados, somados à fluidez e à flexibilidade, indivíduos e organizações se unem; para o autor, nas redes, o princípio seria o da livre associação e o da livre dissociação. O quarto assunto trata sobre os problemas que envolvem a liderança dentro do *corpus* da manifestação – o impasse da atuação mais forte de um indivíduo ou de um coletivo.

O efeito midiático das manifestações é outro elemento que merece destaque na reflexão apresentada por Ortellado. O dilema representado por aceitar a atuação da mídia oficial imersa nas manifestações; lidar com as distorções deliberadas (ou não) e utilizar a repercussão midiática para os objetivos desejados. Nesse sentido, as mídias alternativas mostram-se como solução plausível, apontando-se para o Centro de Mídia Independente (CMI), site criado em 1999 para cobrir os protestos contra a OMC em Seattle. A partir da emergência desta mídia alternativa, Ortellado conclui

que é possível a existência de modos alternativos de organização dentro e contra o capitalismo. Entre eles destacam-se veículos de comunicação independente, centros sociais e cooperativas – enfim, entidades que tomam para si uma ideia nova de construção social.

Aqui se omitiu, propositalmente, o quinto tópico do exercício de Ortellado: a auto-expressão. Nesse trecho, o autor ressalta aspectos “lúdicos” e a dimensão “criativa” das manifestações, remetendo-se também às ações de contracultura (vindas das décadas de 1960 e 1970 ou mesmo de Maio de 1968). Ortellado também menciona os “boicotes individuais”, o comportamento nas assembleias e a adoção de táticas e estratégias, tais como tortadas, teatro de rua e diversas formas criativas de bloqueios e ocupações.

Subverte-se a ordem de exposição do pensamento de Ortellado porque é esse o mais alto ponto de **Estamos Vencendo!**. A obra ganha novo vigor e força com o ensaio fotográfico de André Ryoki – de fato, o verdadeiro registro dos movimentos. Observa, neste ponto, o quanto arte e política estão enredadas. As primeiras fotos brincam com uma contagem regressiva que preparam para a imersão nas cenas que marcaram as manifestações. As fotos com tratamento em preto e branco, divididas em três eixos assinalados por fragmentos de pensamentos de ativistas, dão o tom do que foram aqueles dias.

O “instante aprisionado” é a vertente mais acentuada das imagens. O fotógrafo leva o observador para o centro da cena – coloca-o frente à movimentação, frente à multidão, frente ao embate entre polícia e ativista. Esbarrando entre o fotojornalismo – tal como Cristiano Mascaro, na série fotográfica *O Enterro de Barrientos*, 1971 – e o uso da estética para a evocação política, o fotógrafo evidencia a materialização da experiência “lúdica”, “criativa” e reivindicatória das manifestações. Em algumas imagens, o lirismo das máscaras e dos rostos dos jovens referencia à “resistência eternizada” – algo como a crônica do sonho e da utopia presente nos olhares de cada jovem retratado.



Figura 1¹

Entre 1999 e 2000, manifestantes ocuparam as ruas contra o sistema capitalista (em São Paulo, Porto Alegre, Quebec, Praga, Melbourne, Gênova, Davos). Essa mesma atitude foi vista recentemente no Brasil: manifestantes investem contra bancos e outras instituições por simbolizarem o capital e o poder público. Eis a foto registrando o ataque a instituições financeiras em 2001. (Reprodução da foto de André Ryoki, publicada em **Estamos Vencendo! Resistência Global no Brasil**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004 (Coleção Baderna) p. 72)

Em meio às táticas de protesto, surgem linguagens artísticas; entre elas, a música (Batukação), o teatro de rua, a dança e as apresentações circenses – o fotógrafo dá os indicativos para que se visualize essa produção (que não deixa de ser poética e, ao mesmo tempo, política). Até mesmo, a frase *'Estamos Vencendo!'* que nomeia o livro – grafite que surge, em 1999, nos muros de Seattle – pertence à estética contemporânea, uma vez que devolve ao muro sua função de suporte imprimindo, simultaneamente, manifesto e transgressão.

Ryoki, através de ângulos espetaculares, transforma o fluxo dos acontecimentos em impacto visual, ou melhor, em comentário da sua e da experiência daqueles ativistas. Sob essa perspectiva, suas imagens tornam-se expressão da arte contemporânea que, frequentemente, usa de ironia, irreverência, resistência, ludicidade e, principalmente, convoca a suspensão da vida diária e banal. Aliás, essa é uma das motivações do fotógrafo expressa no pós-fácio. Ao percorrer a seleção de fotos, admite-se que suas imagens destroem definitivamente a falsa oposição entre estética e engajamento político, uma vez que conseguem transmitir sensibilidade e conflito.

¹ A autora agradece ao fotógrafo André Ryoki por gentilmente disponibilizar as fotos aqui publicadas.



Figura 2

A repressão policial é outro ponto de continuidade entre as manifestações de 2000 e de hoje. Mas as manifestações atuais conquistaram nova dimensão: se no passado havia as mesmas balas de borracha, as mesmas bombas, o mesmo gás lacrimogêneo, a forma de atuação da grande imprensa e dos meios de comunicação alternativos (via internet e redes sociais) certamente não tinha tão longo alcance. (Reprodução da foto de André Ryoki, publicada em **Estamos Vencendo! Resistência Global no Brasil**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004 (Coleção Baderna) p. 62 e 63)

Em síntese a obra-documentário **Estamos Vencendo! Resistência Global no Brasil** elenca os motivos que levaram às movimentações anticapitalistas, entre 2000 e 2004. Fornece, especialmente, subsídios para a absorção dos últimos acontecimentos no Brasil (2013) e sobre todo o foco de resistência ao sistema financeiro internacional. Contudo, sua contribuição mais intrigante reside no ensaio fotográfico. Nele emergem cenas carregadas de comentários de experiências vividas, ou seja, da presença tão almejada da aproximação entre arte e vida. As fotos que integram **Estamos Vencendo!** consolidam o reconhecimento de que o significado da arte não está estritamente contido nela (às vezes emerge do contexto social, político...) transformando-se em um dos caminhos para a militância.

Por: Alecsandra Matias de Oliveira

Graduada em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (1995), mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2003) e doutorado em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo (2008). Atualmente é Especialista em Cooperação e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de Artes. Atuando principalmente nos seguintes temas: Arte, Arte Contemporânea, Arte Brasileira, História, História da Arte e Crítica de Arte. Autora do livro “Schenberg: Crítica e Criação”, (EDUSP, 2011). E-mail: alemaoli@usp.br

Resenha:

Recebida em Outubro de 2013
Aceita em Novembro de 2013